

A progressiva autonomização do psico-sexual

Cristina Álvares

(Universidade do Minho)

1. Do trauma ao fantasma

Contrariamente a Charcot, Freud pensa que a causa do sintoma histérico, longe de ser de ordem biogenética, é de ordem psico-sexual e tem a forma de um evento traumático ocorrido na vida da paciente. Deste modo, o psico-sexual, ou seja, o inconsciente, constitui uma esfera autónoma em relação ao campo biológico e orgânico.

Que evento traumático é esse que está na origem da neurose histérica ?

De acordo com os relatos das pacientes, trata-se de uma sedução (que pode chegar à violação) ou tentativa de sedução perpetrada pelo pai ou por uma figura paterna (adulto susceptível de substituir o pai) sobre a mulher quando criança ou muito jovem. A narrativa histérica conta um evento real em que ‘contracenam’ um adulto pedófilo e uma menina vítima da sua perversão e da sua tirania (ver o caso de Katharina). O trauma é (suposto ser) real: aconteceu efectivamente na vida da mulher.

Com o passar do tempo e a continuação da prática analítica, Freud constata que todas as pacientes histéricas lhe contam a mesma história, ao ponto que se lhe afigura inverosímil e estatisticamente impossível que um número tão elevado de homens vienenses pudesse cometer (ou tentar cometer) actos pedófilos. Nem todos os pais são papões. Freud interroga-se então sobre o sentido da invariante narrativa (esquema) que estrutura a narrativa (da) histérica ? Se, em muitos casos, a sedução, ou a tentativa de sedução, não ocorreu na realidade material e tem apenas uma existência na realidade psíquica do sujeito, que sentido e que função tem esta invariante narrativa ? Porque é que a histérica imagina o pai como papão ? Que desejo se satisfaz neste fantasma ?

Convém notar que, ao postular que, ao menos parcialmente, o evento traumático não aconteceu e mais não é do que um fantasma, Freud dá mais um passo em direcção à autonomização do psico-sexual: primeiro, arrancou-o ao substrato bionatural, agora arranca-o à realidade exterior ou material: a sedução tem uma consistência psíquica, é um fantasma.

Esta autonomização da esfera psico-sexual é acompanhada de um deslocamento da perversão: se, na primeira teoria da sedução, a perversão era imputada ao pai – é ele o pedófilo perverso -, agora a perversão vai ser imputada à criança: é a criança que, nos *Três Ensaios sobre a sexualidade* (1905) é definida como ‘perverso polimorfo’. De facto, a descoberta da componente fantasmática da narrativa histérica leva Freud a deslocar a sua atenção e foco de observação da mulher adulta para a criança. Porquê ? Porque a narrativa (da) histérica situa a sedução na infância do sujeito. Assim, a segunda teoria da sedução, ao autonomizar o psico-sexual, transfere a perversão do adulto para a criança e postula a existência de uma sexualidade infantil (*Três ensaios*).

2. A pulsão e a sexualidade infantil

Em que medida a criança é perversa ? Na medida em que a sua sexualidade funciona com base na pulsão. As pulsões são forças que procuram, independentemente umas das outras, obter prazer; são acéfalas. O objecto que proporciona esse prazer encontra-se no próprio corpo da criança: boca e ânus. Daí que as pulsões sejam autoeróticas i.e., indiferentes aos objectos exteriores. Além disso, note-se, a pulsão isola um órgão ou parte do corpo chamada zona erógena. A zona erógena é uma zona do corpo organizada em torno de uma fenda (bucal, anal, palpebral) e que, tal como a parte do corpo isolada pelo e como sintoma histérico, se autonomiza em relação ao corpo

tomado como um todo. De certa forma, tanto o sintoma como as pulsões desmembram o corpo. É a parcialidade das pulsões.

As pulsões oral e anal, a que Freud chama pré-genitais, derivam das necessidades fisiológicas da alimentação e da evacuação e excedem-nas (o bebé continua a chuchar depois de mamar). O *Trieb* de Freud, ou seja, a pulsão manifesta-se como um excesso, um para-lá tanto da necessidade como do instinto. Ela é inútil à conservação do indivíduo ou da espécie e visa unicamente o prazer. Acefalia, autoerotismo e parcialidade constituem a perversão da pulsão, logo da sexualidade infantil. De facto, só mais tarde, as pulsões são submetidas, em certo grau, à síntese genital que as faz convergir para um objecto exterior (um/a parceiro/a sexual) com vista à reprodução.

Em suma, a passagem da primeira à segunda teoria da sedução, ou seja, a passagem do trauma ao fantasma tem as seguintes consequências:

- autonomização do psico-sexual/inconsciente em relação à realidade
- a perversão passa do pai (acto pedófilo) para a criança (pulsão)
- o sexual excede largamente o genital (pulsão)